

## **A BUSCA PELO ROMPIMENTO DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA**

### **(HETEROCIS)NORMATIZANTE:**

**um relato de experiência a partir do projeto “Cine-Debate: LGBT tem classe!”**

**JULIE EVILIN LOPES DONATO**

Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia - UESB

**CAIO GABRIEL BARBOSA NASCIMENTO**

Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia - UESB

#### **Resumo:**

O objetivo deste artigo se dá em relatar a experiência obtida através do projeto “Cine-Debate: LGBT tem classe!” do coletivo LGBT-Comunista (2018-2023). A atividade cineclubista aconteceu de julho a agosto de 2022 em uma sala na Pracinha da Cultura J. Murilo, na cidade de Vitória da Conquista (BA). O projeto teve como objetivo o desenvolvimento de um pensamento crítico coletivo sobre a vida da população LGBT+ e formas de organização da classe trabalhadora por meio do contato com cinco diferentes obras audiovisuais. O cine contava com dois momentos, a exibição do filme e um debate para partilha de comentários, guiados por referências bibliográficas específicas levantadas pelo próprio coletivo, partindo do método materialista histórico-dialético. Ao final do projeto, pode-se destacar uma práxis educadora coletiva entre os participantes para pensar a concretude da vida da população LGBT+ trabalhadora.

**Palavras-chave:** Cine-Debate. Classe trabalhadora. LGBT+.

1376

#### **Abstract:**

The objective of this article is to relate the experience of the project “Cine-Debate: LGBT tem classe!”, idealized by the group LGBT-Comunista (2018-2023). The project was a film club that took place between the months of July and August of 2022 at Pracinha da Cultura J. Murilo, in Vitória da Conquista (BA). The objective of the project was the development of critical thinking about the life of LGBT+ people and ways the working class could be organized by the exhibition of five different films. The film club was devised in two different moments, the exhibition of the movie and a debate for commentaries, guided on bibliography references chosen by the members of the group, using the historical materialism and dialectical method. At the end of the project, could be highlighted a collective education praxis among the participants to better understand the concrete of the life of the LGBT+ working class.

**Keywords:** Film Club. LGBT+. Working class.

#### **Introdução**

O “Cine-Debate: LGBT tem classe!” foi realizado pelo coletivo LGBT-Comunista no ano de 2022 e teve como objetivo a promoção, a inserção e discussão sobre pautas da classe LGBT+ trabalhadora através da exibição de filmes, divididos em cinco diferentes especificidades da vida desta classe, e debates com a comunidade externa de Vitória da Conquista.

Ao falar sobre a concepção bancária da educação, Paulo Freire, no livro *Pedagogia do Oprimido* (1968), a conceitua enquanto um modelo de educação raso e que não serve para uma

aprendizagem efetiva e estimuladora uma vez que este modelo educacional visa apenas a narração e a memorização de conteúdo na qual engessa o educando o distanciando a concretude da realidade. Este fator contribui para a disseminação de uma ideologia dominante alienada na qual a educação não serve para o educando pensar sobre si e a realidade que está inserido e sim para o ele seja apenas um reprodutor de ideias sem antes a questionar. É preciso, então, uma educação emancipatória. Em Educação como Prática da Liberdade (1967, p. 96), Freire diz

A de vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo o que tratamos. Pouco ou quase nada, que nos leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. Tudo ou quase tudo nos levando, desgraçadamente, pelo contrário, à passividade, ao “conhecimento” memorizado apenas, que, não exigindo de nós elaboração ou reelaboração, nos deixa em posição de inautêntica sabedoria.

A construção de uma educação libertadora traz como pressuposto a derrubada do sistema bancário de educação e a sua propagação de ideias sem caráter formativo para uma educação feita dos oprimidos para os oprimidos, na qual essa classe só poderá ser realmente emancipada quando ela for seu agente principal de formação, para pensar a partir dela mesma a própria realidade e maneiras de superação. Não sendo assim algo imposto de cima para baixo, mas sim construído coletivamente. É necessário no processo de aprendizagem que quem está ensinando dialogue diretamente com a realidade daquele que está aprendendo para que o educando assimile o que está sendo ensinado com a própria vida e se enxergue no centro dela e não como um alguém alheio à realidade, desenvolvendo assim a capacidade de pensar criticamente e questionar a sociabilidade que está inserido para então poder avançar.

Assim, a proposta de um cine-debate vem como uma forma didática de aproximação do cotidiano e assimilação com a própria realidade do público alvo através da utilização da arte, onde o pensamento crítico é instigado pelas obras apresentadas e pelo material bibliográfico de referência, culminando no debate e trocas de ideias sobre as pautas concretas da classe trabalhadora LGBTQ+, com ênfase na realidade brasileira. Como também, vai contracorrente do processo de massificação (Freire, 1967) da mídia burguesa ao ter como base filmes que geram o pensamento crítico por se tratarem da realidade que atravessa a vida de toda uma classe.

O atual contexto de Vitória da Conquista para o consumo de arte não é o mais favorável. A cidade do interior baiano só detém de cinemas comerciais em shoppings, com programação voltada para grandes produtoras de sua maioria estadunidenses, e em momentos específicos exibições comentadas nas Universidades Federais e Estaduais da cidade. No entanto, com a existência do Cine-Debate, pode-se levar essas exibições de caráter formativo para uma praça pública de alta movimentação na periferia da cidade, fomentando assim o acesso à arte e a um

debate qualificado de formação para que os pares possam estar juntos e se reconhecerem para além da opressão como agentes essenciais de transformação da realidade.

## Metodologia

O projeto “Cine-Debate: LGBT tem classe!” do coletivo LGBT-Comunista se constituiu em encontros para exibição de filmes, sempre seguido de um debate ancorado em textos disponibilizados pelo coletivo, com objetivo de formação educativa sobre a população LGBT+, abordando a localidade, raça, gênero e classe desta população. O coletivo era formado, em sua maioria, por discentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e tinha como público alvo pessoas LGBT+ do centro e periferia de Vitória da Conquista (BA).

O espaço do Cine-Debate teve seu destaque enquanto movimento social ao ir contra o papel de alicerce desenvolvido pela mídia hegemônica em propagar apenas o que é de interesse das grandes empresas para seus lucros. O cine pode se diferenciar desse modelo ao proporcionar, a partir das exibições, a discussão sobre a materialidade da vida da população LGBT+, com os filmes *Moonlight* (2016), *Pride* (2014), *O Mau Exemplo* de Cameron Post (2019), *Casa Grande* (2014) e *Madame Satã* (2002). Cada filme acompanhava uma bibliografia específica sobre temas levantados em cada obra, como por exemplo, *O Capitalismo e a Identidade Gay* (D’Emilio, 1983)<sup>1</sup>, *Transfobia é uma questão de classe* (2018)<sup>2</sup> e *Abaixo a família monogâmica* (Lessa, 2012). Esta bibliografia trabalhada e os debates ocorridos tiveram como abordagem uma análise a partir da perspectiva do materialismo histórico-dialético para assim termos um olhar da questão problema sabendo que estão sendo discutidas: a) uma realidade concreta; b) a sociedade em um tempo historicamente determinado; c) a realidade social em movimento. Então, o caráter formativo pôde ser levado para este espaço não formal de educação para reflexão e problematização de seus contextos para a formação coletiva através das análises feitas pelas exibições dos filmes e teoria discutida em conjunto.

O projeto, que acontecia quinzenalmente aos domingos na sala multiuso entre os meses de julho e agosto do ano de 2022, foi desenvolvido na Pracinha da Cultura J. Murilo, no bairro Alto Maron, em Vitória da Conquista. A ideia central em os encontros serem feitos fora do ambiente acadêmico, como de praxe na cidade para esse tipo de evento, era a expansão dos locais de formação do saber, uma vez que eram realizados em uma praça pública com alto fluxo de pessoas, não necessitando de uma inscrição prévia e aberto para toda a comunidade.

<sup>1</sup> Texto em formato de artigo retirado do livro “The lesbian and gay studies reader”, originalmente com o título “Capitalism and the gay Identity”, traduzido e disponibilizado pela LavraPalavra.

<sup>2</sup> Texto político publicado pela União da Juventude Comunista.

A atividade foi divulgada por meio de panfletagem na Marcha do Orgulho LGBTQ+, que aconteceu em Vitória da Conquista no dia 01/07/2022, pelas redes sociais do coletivo e com a colagem de lambes de cada edição pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, centro de Vitória da Conquista e pelas ruas e praças do bairro Alto Maron. Todo o trabalho foi sem fins lucrativos e contou com o trabalho coletivo de todos os membros do LGBTQ-Comunista, sendo divididas tarefas de agitação e propaganda dos encontros, levantamento e seleção da bibliografia usada, reserva, limpeza e segurança do espaço público usado e mediação dos debates.

Ao concretizar este trabalho de formação em um espaço não formal, entendemos que espaços educacionais também podem ser diversificados. Sendo guiados por uma teoria concreta, somados com o amplo amparo da arte e juntando com experiências coletivas e individuais, pôde-se, pela comunicação oral, ser socializado saberes e aprendizados de maneira coletiva para um processo de formação sobre a materialidade da vida e formas de organização social, tendo sempre em mente um horizonte uma nova sociabilidade onde o capital não explora as minorias de direito. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (1995, p. 22),

Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade — ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela — idealiza, projeta e procura realizar.

1379

Quando se tem espaços democratizados que socializam o acesso à informação de qualidade, temos um ambiente em que mais pessoas se identificam e dialogam com as mesmas características, resultando no conhecimento e acúmulo sobre suas pautas e a totalidade da sociabilidade atual, levando, assim, ao seu reconhecimento enquanto classe e o fortalecimento coletivo, como também a inculcação de uma maneira plural de pensar e agir a ser compartilhada com seus pares.

A coragem e a ousadia de estar junto para sonhar e para lutar por uma sociabilidade sem opressões é um dos passos fundamentais para o avanço da sociedade a fim da superação do contexto em que vivem. Nenhuma opressão será superada de alguma forma sem a superação do atual modelo socioeconômico vigente no mundo. Não existem manutenções dentro do capitalismo que façam com que as minorias de direito tenham condições justas de vida, uma vez que o racismo, a LGBTQfobia, o machismo e misoginia são peças fundamentais para a manutenção e perpetuação do capitalismo. Entender isso é de grande importância para a organização política da classe trabalhadora.

O projeto “Cine-Debate: LGBT tem classe” foi uma atividade que se alocou nas bases do movimento social para um projeto de formação contínua com a população residente de Vitória da Conquista, tendo, assim, um caráter político pedagógico na formação de jovens da população LGBT+, tanto vindos de universidades como dos arredores da instalação da J. Murilo, que participaram dos encontros propostos e que formou coletivamente pessoas dispostas na construção de uma sociabilidade justa constatando que o capitalismo não é o modelo de organização social para aqueles que estão na base da pirâmide social, os filhos e filhas da classe trabalhadora.

### Resultados e discussões

A iniciativa “Cine-Debate: LGBT tem classe”, desenvolvida pelo coletivo LGBT Comunista, justificou-se, à priori, pela necessidade de se alcançar a população LGBT+ da periferia de Vitória da Conquista (BA), a fim de promover junto a ela discussões qualificadas e críticas acerca das suas condições concretas de reprodução da vida neste contexto. Tal necessidade, por sua vez, fundamentava-se na ausência de espaços acessíveis e seguros de sociabilidade, lazer, educação formativa e construção de saberes para essa minoria social no município.

A escolha do “cine-debate” como estratégia de atração para o público-alvo se deu pela possibilidade de atender a duas demandas da região. Uma delas, a carência de políticas públicas de incentivo à cultura, especialmente na periferia; a outra, a revitalização do espaço onde aconteceriam as atividades, quer fosse, a Pracinha da Cultura J. Murilo, enquanto um território comunitário de lazer. Ambas encontram ressonância na Lei n° 10.257/2001, a qual estabelece diretrizes gerais da política urbana e determina que

Art. 2º A política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante as seguintes diretrizes gerais:

I – garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações;

[...]

XII – proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico;

(Brasil, 2001)

Ao realizar os encontros na praça da cultura do Alto Maron, não somente o coletivo propiciou a ocupação da sala multiuso, uma de suas áreas esvaziadas, como também, a partir da mobilização dos participantes no cuidado e preservação dos espaços compartilhados, possibilitou reavivá-la. E, com a utilização do cinema como ferramenta disparadora e

norteadora do debate, viabilizou-se o acesso cultural, naquele território, a produções audiovisuais nacionais e internacionais.

Durante as sessões, buscou-se discussões e análises consubstanciais às vivências LGBTs, dando conta das particularidades da díade sexo-gênero, condições de classe, raça e dos seus atravessamentos singulares. Tendo em vista o público-alvo, fosse ele majoritariamente periférico, as especificidades trazidas por cada um dos filmes escolhidos produziam entre o grupo frequentador fortes discursos de identificação, fato esse que enriquecia e prolongava os debates. Os vínculos identificatórios, por conseguinte, facilitavam o reconhecimento dos contextos de produção e reprodução da vida da população LGBT+, enfatizando seus processos históricos, sociais, culturais e econômicos.

Os filmes escolhidos disparavam questionamentos sobre as relações do mundo do trabalho, a emergência de uma identidade gay e de um movimento pela sua libertação, relações étnico-raciais, as ofensivas do fundamentalismo religioso, a institucionalidade da família e seu desempenho na perpetuação de violências, para além do papel das minorias sociais na divisão social e produtiva do sistema capitalista. Afinal, conforme John D’Emilio (1993, p. 469), ao tentar traçar uma exposição histórica do surgimento das identidades gay e lésbica no contexto da emergência do capitalismo estadunidense,

The expansion of capital and the spread of wage labor have effected a profound transformation in the structure and functions of the nuclear family, the ideology of family life, and the meaning of heterosexual relations. It is these changes in the family that are most directly linked to the appearance of a collective gay life.

Conquanto John D’Emílio (1993) apresenta uma explicação que parte do cenário político-econômico estadunidense, sua análise é essencial para compreender a unidade das opressões de classe e da população LGBT+, e ainda, desmistificar os argumentos essencialistas e naturalistas em torno do gênero e da sexualidade. Quando, ao investigar o bojo das opressões materiais das minorias sociais desviantes, toma-se como ponto de partida os movimentos histórico-sociais e culturais que propiciaram a construção de suas identidades e a organização de uma categoria em torno delas, entende-se como: a) a história das sexualidades não é biológica, genética ou hereditária; b) a desumanização e violência contra as LGBT+ é necessária ao Capital, quando este lança essas pessoas a condições de subemprego e subalternidade.

Sobre a primeira constatação, importa não cair no mito do biologicismo para tratar de pessoas LGBT+. No artigo “**Se oriente, rapaz!:** Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos “outros” na controvérsia sobre as causas da homossexualidade”,

de Fry e Carrara (2016), os autores mostram como um dos nomes do reacionarismo no Brasil e do fundamentalismo religioso, que propaga LGBTfobia pela insígnia da “ideologia de gênero”, o pastor Silas Malafaia, utiliza-se das teorias genéticas e psicológicas para ancorar seus discursos preconceituosos. Para além disso, Fry e Carrara (2016, p. 266), lembram como muitos ativistas LGBTs temem “teorias que defendem o fundamento biológico da homossexualidade porque percebiam nelas a ressurreição das antigas políticas eugênicas que, no passado, levaram homossexuais a hospícios e a campos de concentração”.

No que diz respeito à segunda observação, retornando às referências do texto “O capitalismo e a Identidade Gay”, de John D’Emílio (1983), este relaciona a necessidade capitalista de se oprimir homossexuais à sua contraditória relação com a família monogâmica nuclear. Nas palavras de D’Emílio (1983, p. 474),

On the one hand, capitalism continually weakens the material foundation of family life, making it impossible for individuals to live outside the family, and for a lesbian and gay male identity to develop. On the other, it needs to push men and women into families, at least long enough to reproduce the next generation of workers. The elevation of the family to ideological preeminence guarantees that capitalist society will reproduce not just children, but heterosexism and homophobia.

Em consonância a tal citação, há no texto “Uma Estratégia Revolucionária para a Libertação Gay”<sup>3</sup>, produzido pelo Partido Socialista Democrático australiano (1979), um balanço semelhante. Nele, encontra-se que a manutenção da homofobia proporcionaria um elemento de estabilidade à defesa da família.

Embora a contraditória relação capitalista com a manutenção da família mononuclear dê conta de explicar o surgimento e simultânea opressão da identidade gay, há na realidade latino-americana algumas especificidades.

Quando, nos encontros do “Cine-Debate: LGBT tem classe!”, centralizamos o debate em volta da vivência LGBT+ a partir das determinações de classe, raça, identidade de gênero e territorialidade, percebemos como as expressões subversivas de sexo-gênero, especialmente nos países de desenvolvimento periférico do capitalismo, são submetidas às piores condições de vida. As poucas iniciativas públicas de inserção das minorias sexuais ao mercado de trabalho, bem como as dificuldades de ingresso e permanência destes na educação do ensino superior, e o reforço da cisheteronormatividade pela “ideologia” do trabalho explorado são exemplos de fatores determinantes. Nesse sentido, os empregos informais, a absorção desta população pelos

---

<sup>3</sup> Documento originalmente publicado pelo então Partido Socialista dos Trabalhadores, na sétima convenção nacional Australiana, com tradução para o português por Leonardo Gomes.

*call centers* e a prostituição tornam-se as únicas possibilidades concretas de renda, ao passo que a questão da família emergiria com novas e específicas contradições.

Conforme Juan Marsiaj (2003 p. 140), “[...] a família tem importantes funções de “previdência social” para as classes mais baixas, uma função que diminui em importância quanto mais alta a renda e maior o acesso a atendimento médico privado”. Marsiaj (2003) vai além na questão da família entre as “bichas pobres” e apresenta como a produção da homofobia dentro deste espaço é distorcida, ainda que não seja extinta, quando as travestis e as bichas passam a suprir as necessidades financeiras de casa. Afinal, naquela configuração de relações, onde a opressão de classe parece universal aos sujeitos, com desdobramentos particulares para os seus determinantes sociais, aquele que cumprir a função de provedor ocupará um lugar fundamental no cuidado e na realidade familiar.

Essa reflexão teve novas contribuições e reverberações durante a exibição do filme “Madame Satã” (2002), o qual traz uma adaptação da vida real de João Francisco dos Santos<sup>4</sup> (1900 – 1976), popularmente conhecida como Madame Satã, nascida no Rio de Janeiro, onde viveu grande parte dos anos de sua vida. A obra cinematográfica retrata o período em que ela comete seu primeiro crime e inicia suas apresentações e manifestações artísticas na noite das ruas, bares e bordéis. Apresentando também sua relação com as moradoras de um cortiço, Madame Satã representava ali, na vida das travestis e transviados, das bichas, das prostitutas e dos sujeitos transgressores da boemia carioca, a autoridade, a segurança, a proteção e o cuidado. Isso é, Madame Satã, que se dizia também “um malandro” e que sabia ganhar a vida como tal, possuía um papel determinado pelos atributos de seu corpo e pela posse do dinheiro que sustentaria seu grupo de párias.

Da mostra deste último longa-metragem no “Cine-Debate: LGBT tem classe!”, convergiram as discussões de todas as sessões anteriores. Retomávamos, então, o debate racial e os estigmas da racialização, imposta como um “Outro” da branquitude; o problema da classe e o trabalho precarizado, violento e alienado; o moralismo e fundamentalismo religiosos; a generificação da população LGBTQ+ pauperizada e trabalhadora; as reivindicações por uma vida digna, com garantia de moradia, educação e saúde universais. Tratávamos, portanto, da totalidade material das vidas e vivências de nossa classe e dos grupos minoritários aos quais também pertencíamos.

---

<sup>4</sup> Durante o encontro de exibição de “Madame Satã” (2002), participantes e mediadores preferiram se referir a personagem pelos pronomes femininos. Optamos por também manter a escolha no presente texto.

As produções fílmicas, dentro das ações do Coletivo LGBT Comunista, conduziram o processo formativo, objetivado pela proposta do cine-debate, para diálogos críticos e políticos, cujas resoluções e possibilidades de atuação nos encaminhavam para as perspectivas da construção coletiva. Isso, porque, como apontado por Sherry Wolf<sup>5</sup> (2021, p. 367), ao recusar o individualismo como alternativa de libertação, “qualquer tentativa de se viver uma vida sexualmente livre sob as atuais circunstâncias materiais sempre esbarrará nas limitações reais da existência cotidiana das pessoas”. Assim, os caminhos vislumbrados para emancipação dos corpos, dos desejos, com a seguridade de condições humanizadas de vida, só podem se efetivar à medida que as lutas contra a lgbtfofia e pela liberdade sexual se unirem às lutas antirracistas, feministas, anti-imperialista, anti-capacitista e anti-capitalista.

### Considerações finais

Os encontros de formação do “Cine Debate: LGBT tem classe!”, por meio das sessões com temas tangenciais às vidas LGBTQ+ e do uso de textos que norteavam reflexões unitárias acerca das opressões, mobilizaram os participantes para a produção de sínteses e análises concretas sobre suas realidades. Quer fosse um dos intuitos políticos e pedagógicos do cine-debate, tornar nossos participantes pensadores ativos capazes de considerar meios para a superação das suas contradições materiais, despontava ali elementos para um compromisso coletivo e consciente.

Fosse ainda outro de nossos objetivos, proporcionar a revitalização do espaço da Pracinha da Cultura J. Murilo, viu-se, no decorrer da realização das atividades, a ocupação daquele ambiente pelos sujeitos da periferia. Não somente a população LGBTQ+ do bairro passava a frequentar a praça, mas também os visitantes de outras localidades, que, por meio da divulgação do cine nas redes sociais, souberam das sessões, puderam conhecer e explorar o lugar. Consequentemente, movimentavam-se pessoas de outros bairros para a organização e o fortalecimento de uma área periférica.

Outrossim, tínhamos como propósito pedagógico a construção de um espaço popular para a emergência e troca de saberes. Compreendendo que a educação fetichizada, presa aos muros de uma escola sem comprometimento político-social, à serviço de uma classe de exploradores e reprodutora de violências, impossibilita uma prática pedagógica acolhedora e emancipadora, identificamos, então, a necessidade de construir um meio para acolher e produzir

---

<sup>5</sup> O coletivo LGBT Comunista fez a tradução voluntária e comercial da obra original e será essa, portanto, a referenciada na última seção deste artigo.

saberes intencionais. Não era, evidentemente, nossa intenção que o conhecimento sobre a realidade imediata se sobressaísse a uma formação teórica, mas que, mediante determinações histórico-sociais, alinhássemos as vivências subjetivas, a fim de propiciar uma autonomia coletiva.

Intencionávamos, deste modo, uma práxis educadora da consciência. Isso é, que rompesse o caráter fatalista da ideologia neoliberal, o qual convence os sujeitos de classes econômicas mais baixas de que a realidade é assim mesmo e não há nada mais a fazer, se não, seguir a ordem natural dos fatos (FREIRE, 1996). Incentivávamos ali a percepção crítica das limitações impostas às suas vidas, mas não para torná-los pessimistas e sim, para que, a partir da apreensão da totalidade, enxergassem a si e aos seus como transformadores reais.

Sejam as subjetividades e singularidades forjadas na objetivação da vida, e essa, por sua vez, cooptada pelo senso vulgar do individualismo; sejam as determinações reais impostas como culpa dos indivíduos sem mérito, então, a coletivização e a partilha do viver são esperanças à libertação. Da consciência prática à luta organizada, o desvelamento da consciência alienada e as reivindicações político-sociais são processos educativos fundantes para uma práxis revolucionária. Formando-nos entre pares, intercambiando saberes e se apropriando da ciência da classe trabalhadora, esperamos construir as bases para uma ação emancipadora.

“Para nós, as LGBT+, e para a nossa classe, forjada também pelo gênero e a raça, que prevaleça o bom, o belo e o justo!”.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 29. ed. Brasília: Brasiliense, 1984. (Primeiros passos).

BRASIL. **Lei nº 10.257/2001**.: Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.. Brasília, DF, Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm). Acesso em: 10 abr. 2024.

CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Rio de Janeiro: Migdal Filmes, 2014. 1 vídeo em arquivo pessoal (117 min.), son., color.

D'EMILIO, John. Capitalism and gay identity. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (ed.). **The lesbian and gay studies reader**. New York: Routledge, 1993. p. 467-276.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**: educação como prática da liberdade. 1405. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. p. 1-310.

FRY, Peter; CARRARA, Sérgio. Se oriente, rapaz!: Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos “outros” na controvérsia sobre as causas da homossexualidade. **Revista de Antropologia**, v. 59, n. 1, p. 258-280, 2016.

LESSA, Sergio. **Abaixo a família monogâmica!**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

MADAME SATÃ. Direção de Karim Aïnouz. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002. 1 vídeo em arquivo pessoal (105 min.), son., color.

MOONLIGHT: Sob a luz do luar. Direção de Barry Jenkins. Miami: A24, 2016. 1 vídeo em arquivo pessoal (116 min.), son., color. Legendado.

MARSIAJ, J. (2003). Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL**. Homossexualidade. Sociedade, Movimento e Lutas. Campinas, Unicamp/IFCH/AEL, v. 10. n. 18/19.

1386

NONATO, Giulianna. **Transfobia é uma questão de classe**. 2018. Disponível em: <https://ujc.org.br/transfobia-e-uma-questao-de-classe/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

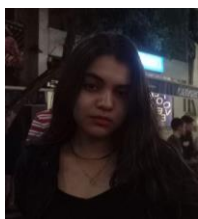
O MAU exemplo de Cameron Posta. Direção de Desiree Akhavan. Eua: Beachside Films, 2019. 1 vídeo em arquivo pessoal (96 min.), son., color. Legendado.

PARTIDO SOCIALISTA DEMOCRÁTICO (Austrália). **Uma Estratégia Revolucionária para a Libertação Gay**. 1979. Tradução Leonardo Gomes. Disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/tematica/1979/01/libertacao\\_gay.htm](https://www.marxists.org/portugues/tematica/1979/01/libertacao_gay.htm). Acesso em: 10 abr. 2024.

PRIDE: Orgulho e Esperança. Direção de Matthew Warchus. Roteiro: Stephen Beresford. Reino Unido: Proud Films, 2014. 1 vídeo em arquivo pessoal (120 min.), son., color. Legendado.

WOLF, Sherry. **Sexualidade e socialismo**: história, política e teoria da libertação LGBT. São Paulo, SP: Autonomia, 2021. Tradução Coletivo LGBT Comunista.

Autor 1:



Julie Evilin Lopes Donato

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - campus Vitória da Conquista. Integrante do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMarx) e do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia - Linha 1 (NUPEP - UESB).

Email: 202020404@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3157894980296915>

Orcid: 0009-0007-3572-434X

Autor 2:



Caio Gabriel Barbosa Nascimento

Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integrante do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMarx/UESB). Bolsista pela CAPES no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Email: 202110648@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0375042604391512>

Orcid: 0009-0001-3763-7334